

Conclusão Geral

Nossa **hipótese inicial** era de que a imagem do seguidor de Francisco de Assis seria uma pessoa caracterizada pela fraternidade “desde os excluídos”, isto é, configurada pela **solidariedade com os “menores” da sociedade**, pois é dessa maneira que Francisco é “reconhecido” mundialmente. Sabemos, entretanto, que, se para concretizar tal objetivo ele fez uma opção pelos marginalizados (“gente comum e desprezada, pobres e fracos, enfermos, leprosos e mendigos junto aos caminhos” - RNB 9,2) com nítida conotação social, a motivação profunda desta atitude não foi outra senão “seguir as pegadas do Filho amado, Nosso Senhor Jesus Cristo” (CtOr 51). Daí nossa pesquisa ter centrado o foco da sua atenção nesse seu “espelho”, no dizer de Clara de Assis. Certamente lá, então, poderiam ser encontrados os traços fisionômicos do modo de ser do franciscano, já que o modo de ser do seguidor de Francisco depende essencialmente do modo de ser de Jesus Cristo, como Paulo que disse “é Cristo que vive em mim”.

Ao longo desta investigação, no final da maioria dos parágrafos e sempre ao encerrar um capítulo, oferecemos o resultado da análise. Seria enfadonho repetir aqui todos esses dados ou mesmo fazer deles uma elaboração completa e concatenada, quer pela amplitude que alcançaria, quer pela dificuldade de reunir e entrelaçar adequadamente os dados novos descobertos e, sobretudo, aqueles que receberam novo valor enquanto elementos configuradores de um *modus vivendi*. Em vista disso, nesta conclusão final de nossa investigação sobre a *solidariedade na visão cristológica de Francisco de Assis* queremos, de modo simples, referir-nos, brevemente, apenas a três aspectos: destacar alguns resultados da pesquisa

que, segundo nosso parecer, são os mais significativos; apontar as dificuldades encontradas na caminhada; e, por último, sugerir futuras perspectivas para prosseguir esta pesquisa.

Alguns resultados de nossa investigação

Começamos expressando nossa satisfação pelos dados e elementos levantados nesta pesquisa sobre “a solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis”. Nossa hipótese de trabalho se demonstrou claramente confirmada por esta pesquisa. Aquilo que intuíamos, emergiu claro neste trabalho investigativo. Na tentativa de realçar os elementos básicos que poderiam formar uma visão global dos resultados, considerando as diversas partes da pesquisa, podemos mencionar:

a) Primeiramente constatamos que a *solidariedade* é hoje um novo valor emergente e que se apresenta como o modo-de-ser humano por excelência. Neste momento da história, ela se faz sentir como um clamor, advindo de todos os cantos de planeta, de todas as criaturas, de múltiplas formas. Oferece-se como alternativa para redirecionar o futuro nebuloso da vida do próprio planeta. Detectamos que a solidariedade é um princípio configurador de novas relações (de responsabilidade mútua) diante da vida de todos, que cria vínculos recíprocos e qualifica maravilhosamente o modo de ser. A solidariedade está começando a ser abordada cada vez mais nas diferentes áreas do campo teológico. Aliás, a própria palavra “solidariedade”, desde alguns anos, passou a fazer-se presente, inclusive, nos próprios textos da Bíblia.

Nos últimos 50 anos de história, a figura de Jesus Cristo foi, de modo crescente, redescoberta, como manifestação do Deus solidário na história. Seja em alguns documentos do magistério, sobretudo, colegiado da Igreja, seja da parte de alguns teólogos, solidifica-se a convicção de que a pessoa de Jesus Cristo é salvadora em força de sua solidariedade, na tríplice e simultânea acepção expressa, primeiramente, por Kasper: “em nosso favor, por causa de nós e em nosso lugar”. Conseqüentemente, o modo solidário de viver emerge cada vez mais também como critério e meio fundamental de ingressar na dinâmica que conduz à salvação.

b) Na segunda parte, investigamos a *visão de Francisco de Assis a respeito do mistério da vida de Jesus Cristo*. Foi grata surpresa constatar que ele, por exemplo, já visse na encarnação do Verbo de Deus a manifestação da solidariedade da Trindade com a humanidade, particularmente com a que luta pela sobrevivência, compreensão essa que se pode estender às demais criaturas da natureza.

Nessa perspectiva, com muita coragem, Francisco proclamou que Jesus nasceu “*in via*” (entre os marginalizados), associou também na sua opção pelos pobres sua mãe e os discípulos, instaurando assim uma comunidade solidária com os mais relegados. Para Francisco, a encarnação de Jesus nesta situação de exclusão prosseguiu ao longo de toda a vida de Jesus Cristo: foi “pobre e peregrino neste mundo”, não teve casa para morar (foi um sem-teto); foi “servo que lavou os pés”; foi “pastor que (no embate com os lobos) deu a vida pelas suas ovelhas” e, acima de tudo, enfrentou corajosamente (“com face duríssima”) todo o tipo de oposição para garantir à “gente comum e desprezada” a vida mínima (a “esmola”). Sua paixão na cruz não foi senão consequência deste seu posicionamento (social) que não compactuava com qualquer sistema que leve os menos favorecidos a sempre maior exclusão. Este modo de Jesus Cristo colocar-se ao lado dos “publicanos e pecadores”, Francisco entendeu que foi também uma forma de Jesus viver a obediência à vontade do Pai, cujo projeto é a salvação e a vida digna para todos. No final de seus dias, Jesus ainda instituiu a eucaristia como o sacramento desse difícil caminho de solidariedade, símbolo da passagem para o lado dos marginalizados e auto-retrato de seu modo quenótico de ser, única alternativa para, de fato, estar ao lado dos últimos e devolver-lhes a dignidade (“Fazei isto em memória de mim”). Estes são alguns traços característicos da fisionomia do Senhor Jesus, por quem Francisco se apaixonou e com quem buscou se identificar de uma maneira reconhecidamente única na história.

c) Por fim, da terceira parte, daquela que mais diretamente oferece elementos para a resposta à hipótese de nova configuração do modo de ser franciscano levantada inicialmente, brotaram alguns dados significativos. Francisco insiste cinco vezes na necessidade de “seguir as pegadas” do Senhor Jesus Cristo. Do conjunto dos aspectos abordados, tornou-se evidente tratar-se de um Jesus Cristo com as feições apenas mencionadas e não as feições de um Cristo *pantocrator*. O projeto

de vida franciscano (a Regra) não faz mais que implementar o modo solidário de ser de Jesus Cristo entre os irmãos, já, de certa forma, entrevisto na intuição inicial e na sua experiência com os leprosos, narrada no início do Testamento. Depois, esse modo de ser foi coletiva e constantemente aprofundado na Regra, com sempre maior riqueza de detalhes, segundo os novos desafios que a convivência na fraternidade e na sociedade faziam surgir. E na iminência da sua morte, Francisco reafirmou e aclarou o mesmo *propositum vitae* no Testamento.

Na prática, esse modo de ser como maneira alternativa à da sociedade, praticamente na sua contramão, somente é possível na *quénosis* de uma pobreza-fraternidade vivida desde a solidariedade com os “mortos-vivos” de todas as circunstâncias. Esta formatação existencial vai além de uma busca de ascese ou de santificação pessoal, indiscutivelmente sempre necessárias, mas que adquirem novo valor à medida em que estão a serviço da causa da vida dos últimos, a começar por aqueles que a têm iminentemente ameaçada.

Este é o aspecto principal que gostaríamos de ressaltar, porque também era nossa motivação inicial nessa pesquisa: esclarecer nosso lugar de franciscanos como religiosos, na Igreja e na sociedade. A população em geral, apesar de seu parco conhecimento, intui e apresenta Francisco de Assis como o santo “irmão dos pobres e da natureza”. Se a perspectiva da solidariedade com os excluídos e com nossa “irmã, a mãe terra”, a exemplo de Francisco, passar a desempenhar o papel de princípio configurador do modo de ser da humanidade, no presente e no futuro, sentimos, desde já, a obrigação de louvarmos o Senhor por ter se servido de nós para contribuir com seu esclarecimento.

Nossas dificuldades

Algumas dificuldades foram constantes companheiras nesta investigação. A primeira diz respeito aos recursos bibliográficos na área do franciscanismo. A biblioteca da nossa conceituada Universidade (PUC-Rio), por não ser de sua especialidade este ramo de conhecimento teológico, evidentemente não poderia dispor de um grande acervo bibliográfico sobre o franciscanismo. Felizmente essa carência pôde, em parte, ser supressa com os recursos da ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, de Porto Alegre) e do Instituto Teológico Franciscano (ITF, Petrópolis). Todavia, no Brasil, de um modo geral

ainda vivemos uma “pobreza franciscana” de recursos bibliográficos. Maior riqueza de material foi encontrada nas diversas bibliotecas das instituições franciscanas em Roma, fato que nos possibilitou levar a termo esta pesquisa.

Aliado à carência de uma bibliografia franciscana, constata-se uma escassez de tratados mais densos do tema da solidariedade que nos ocupava. Embora essa temática já tenha mais de meio século de existência nos diversos campos da teologia, ainda assim deve-se reconhecer que é um assunto relativamente novo e que não tem despertado a atenção de muitos franciscanólogos até o presente momento. Mais que explanações densas e amplas, encontram-se referências esparsas cá e lá, que requerem o esforço de ir estabelecendo as possíveis conexões entre elas. E, especificamente sobre “a solidariedade na visão cristológica em Francisco de Assis”, nos deparamos somente com acenos, alguns extremamente valiosos, mas apenas acenos. Por isso, nosso caminho foi preciso ser desbravado, tarefa nada fácil e, geralmente, acompanhada de lacunas.

À carência de material bibliográfico, queremos unir outra dificuldade vivenciada: o fato de os estudos científicos do franciscanismo não terem mais do que um século de existência. Até então não dispunham de maiores recursos para o devido discernimento na arte de, paulatinamente, liberar a imagem de Francisco daquela camada de conceitos míticos que a história colocou sobre sua figura com o passar dos anos e que nos dão a falsa impressão de serem originais e verdadeiros.

A essas dificuldades devemos acrescentar outra, secundando G. Miccoli, extremamente importante: é a constatação de que a investigação da *proposta de vida* suscitada por Francisco está, de fato, apenas ensaiando os primeiros passos, quando comparada com o longo percurso já andado com a questão filológica ou textual, ou com a “escavação” de fatos ou dados históricos pontuais da vida de Francisco. Felizmente, o novo contexto histórico nos está impelindo nesta direção. Ademais, ela corresponde ao apelo evangélico de retomar o permanente processo de conversão da vida, quer enquanto pessoas, quer enquanto instituições coletivas que o Vaticano II estimulou a todos buscar. E em se tratando da vida de seguimento das pegadas do Senhor Jesus, jamais poderemos dar-nos por satisfeitos com o já obtido. A conversão, cronologicamente falando, é tão somente o primeiro passo no seguimento de Cristo. Entre os franciscanos, por serem antes

de mais nada cristãos, essa busca deveria ocupar igualmente a primazia sobre outras buscas e objetivos. Dizemos isso para falar da ainda relativa escassez não de reflexões sobre o projeto de vida revelado a Francisco de Assis, e de como poderia ser traduzido *hic et nunc*.

Mencionaremos, para terminar, outra dificuldade prática: a de traduzir as expressões ou idéias de Francisco de Assis, oriundas da sua linguagem popular, em categorias sistemático-rationais nas quais se movimento a reflexão teológica. Sirva de exemplo sua expressão “Jesus Cristo pobre e humilde”. Na mesma perspectiva soa-nos insuficiente, por exemplo, descobrir que o acréscimo “*in via*” ao versículo de Lucas no salmo natalino tenha sido “pinçado” de uma homilia de São Gregório Magno sobre o Natal. Muitos e muitos leram e releam a mesma homilia encontrada no Ofício das Leituras da noite de Natal e no entanto não foram sensibilizados por estas pequenas palavras. Não há algo mais neste gesto do que simplesmente identificar sua fonte e que é de fato o portador da carga teológico-emocional de Francisco? Ele não vislumbrou plasticamente aí um novo conteúdo teológico? Do mesmo modo, com o símbolo do Tau, o presépio etc. De fato, estamos diante de um grande desafio no sentido de lograr captar a riqueza seguramente aí presente e traduzi-la, mediante os critérios científicos ordinariamente aceitos, em conceitos acadêmicos. São dois níveis diversos de compreensão e comunicação de experiências existenciais que, a nosso aviso, ainda não encontraram o modo de se intercomunicar. Certamente, “resta ainda um longo caminho”, como disse o anjo ao desalentado profeta Elias na sua caminhada para o Horeb, a montanha de Deus.

Futuros aprofundamentos

Este foi um primeiro ensaio sobre a temática da solidariedade em Francisco de Assis e, enquanto tal, certamente provisório. Por isso, desde já, podemos apontar alguns aspectos que poderiam ser retomados e aprofundados num futuro próximo:

a) Aprofundar, teologicamente e de modo sistemático, a perspectiva da solidariedade no mistério da encarnação a partir das pequenas intuições de Francisco, como o nascimento “*in via*”, a opção por estar entre as “pessoas vis e

desprezadas”, o “fazer-se pobre e peregrino” etc. O mistério da encarnação poderia oferecer uma nova luz para o processo de nova “formatação do modo de ser franciscano” entre os leprosos sociais de hoje e frente à questão ecológica, desafio hodierno de primeira grandeza.

b) Semelhantemente, o mistério da paixão é sempre visto a partir deste enfoque consagrado pelos biógrafos contemporâneos de Francisco: sua “paixão pela paixão do Senhor” que o levou aos estigmas. No entanto, vimos, por exemplo, que o “Ofício da Paixão” de Francisco oferece uma compreensão do mistério da paixão do Senhor que se distancia daquela dimensão, pois aí transparece toda a dramaticidade e crueldade de uma sociedade pervertida e não apenas o desejo de Jesus sofrer para nos salvar, que era comum salientar na Idade Média. Desse novo olhar, resultaria uma imagem de Jesus Cristo que vai à cruz, não somente como ato de doação amorosa pela salvação dos homens (é claro, verdade teológica), mas também em consequência de uma trama político-social e religiosa urdida pela sociedade que não admite instaurar um modo de vida mais solidário e fraterno com todos, desde os últimos. Os estudos mais amplos conhecidos deste “Ofício da Paixão” ainda não consideraram semelhante perspectiva. O resgate da imagem de Jesus Cristo presente no Ofício da Paixão, a oração mais extensa de Francisco, se constituiria em forte recurso para os franciscanos reconfigurarem seu *modus vivendi* neste contexto de crescente exclusão social pelo qual a humanidade está passando neste momento histórico.

c) Por fim, para não nos delongar em sugestões, apenas mais um aspecto. A extrema urgência de inverter o foco das buscas nos estudos franciscanos: priorizar o discernimento da proposta de vida de Francisco de Assis em relação às buscas de aspectos filológicos, históricos ou de outra índole. O conhecimento sério do nosso “gênero de vida”, que aliás não pode dispensar estes outros aspectos, se tornaria condição para, criativamente, re-inventar nossa identidade franciscana, como diz o Vaticano II, na fidelidade às fontes (ao momento fundante) e na fidelidade aos desafios do tempo presente, lugar privilegiado onde Deus sempre de novo se manifesta. Essa atenção prioritária à vida era, certamente, o desejo profundo de Francisco ao dizer que o estudo deveria favorecer o “espírito de oração e devoção”, isto é, a razão última do viver. Há uma necessidade de conhecer profundamente as realidades humanas e terrestres e, ao mesmo tempo, a

ipsissima intentio beati Francisci. Estes dois trilhos, caminhando alinhadamente lado a lado, podem conduzir à aurora de um novo tempo, por todos ansiado.

Ao concluir, queremos desejar, com humildade, que este estudo possa contribuir com o processo de reflexão de todos. Confessamos ter agido com sinceridade e honestidade e, ao mesmo tempo, com paixão e coragem. Seja esta pesquisa motivo que pro-voque e con-voque, tanto os que são oficialmente quanto os que são por simpatia, filhos de Francisco de Assis a buscar sempre mais se configurar pelo seu modo (solidário) de ser de Jesus Cristo.